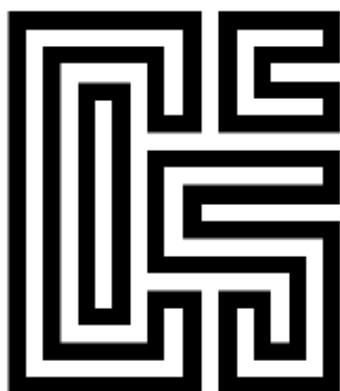


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

Orgasmo, técnicas de reprodução e Fazer Crianças

Orgasmus, Reproduktionstechnik und Kindermachen

Vilém Flusser (1989)

Tradução : Günter Wilhelm Uhlmann – 2002

As pessoas cultas não fazem perguntas a respeito do “para o quê”, estas pessoas pensam de uma maneira causal e não teleológica. Estas pessoas não perguntam para que há a chuva e para que o sol nasce. No entanto, um pensamento teleológico é quase inevitável nos aspectos relativos à vida. Soa melhor quando afirmamos “temos olhos para podermos enxergar” do que “nós enxergamos porque temos olhos”. Parece que a vida tem uma orientação para objetivos havendo, portanto, uma intencionalidade. Fica a pergunta : Quais são seus objetivos?

A vida surgiu nas praias dos mares, ou seja onde há a junção da terra firme, da água e do ar. Parece que a sua intenção é imiscuir-se entre a crosta terrestre, a hidrosfera e a atmosfera e constituir uma biosfera que se estende por sobre o planeta. Com esta intencionalidade a vida se expande, e para esta finalidade as células se multiplicam (dividindo-se). Estas células se seccionam, a vida se multiplica via motivação de cunho “secional” (sexual). Esta é a finalidade de fazer crianças.

Sabidamente, no entanto, não é tão simples assim. Na divisão celular podem ocorrer erros : por ocasião da divisão da dupla espiral do ácido nucleico poderá haver um erro na copia de uma metade da espiral para a outra metade. Uma estratégia para evitar erros é misturar inicialmente duas células e somente após esta mistura partir para a sua divisão. Este refinamento da estratégia sexual remete para a existência dos dois notórios sexos. Esta estratégia tem, no entanto uma desvantagem: A vida deve distribuir em dois “organismos” (emergências multicelulares da biomassa) as duas células que se pretendem/devem misturar. Estes seres vivos surgem do visgo vital, fecundam-se e novamente submergem naquele. Esta nova submersão se chama “Morte” : “ Cada um bota rapidamente ainda um ovo e então surgirá a morte”, esta é o lema da vida.

Para a vida não importa, que os seres vivos morram, porém os seres vivos desejam, curiosamente, permanecer vivos ao desprante de esta os desprezar. Os seres vivos tem uma outra intenção que a vida. Por esta razão a vida criou, ao menos para os “seres vivos mais elevados” o orgasmo: Permite a que estes se acasalem e com isto esquecerem a morte. O orgasmo como uma estratégia da vida contra os seres vivos. Atualmente parece que a vida obtém a vitória sobre os

humanos: o sexo se tornou socialmente aceito, e calam-se sobre a morte. Esta vitória no entanto começa se revelar uma vitória de Pirro. As pessoas fazem sexo devido ao orgasmo e não para fazer crianças. A pílula é a arma da humanidade contra a vida. A vida cometeu, portanto um erro (isto não é nenhuma novidade e surpresa : a vida comete muitos erros) na sua estratégia sexual do orgasmo. Que erro foi este? A vida ultrapassou o seu objetivo com o orgasmo. O orgasmo foi concebido para que seres vivos, mesmo debaixo de perigos para a sua permanência, desejem o acasalamento (para que possam esquecer a morte em favor da vida). Esquecer a morte no entanto é se auto esquecer. No orgasmo as pessoas se desprendem de si mesmo : Um *self* se diluí no outro. No orgasmo duas pessoas suplantam a morte e com isto a vida.(Além do mais isto permite uma definição de “Pornografia” : A descrição do acasalamento com a omissão da superação da vida.). Este fato é contra os interesses da vida. Permite, entre outros, separar o sexo da multiplicação. Admitindo, assim, que o “Homem” se defina como um ser vivo que negue a vida (negando também as próprias condições da vida). Antigamente, o que assim se definia, era chamado de um ser “espiritual”. Neste caso a separação entre o sexo e a reprodução é uma específica negação humana da vida. Uma prova do quanto a vida superou com o orgasmo (e no homem em geral) o seu objetivo.

Apesar disto ocasionalmente ainda se fazem crianças. Isto se caracteriza como uma recaída? Do ponto de vista da vida, a criança é o fruto, desenvolvido a partir de um ovo fecundado. Deverá separar outros ovos e sêmen para depois ser absorvido. Isto no entanto não é o ponto de vista dos seres humanos. A “criança” é o portador de uma informação genética, com a incumbência de multiplicá-la, mas também é portador

de informações adquiridas (culturais), que devem ser processadas para que possam ser retransmitidas. A vida não é nem um pouco interessada nas informações obtidas, pois estas não podem ser transmitidas pela biologia genética às gerações futuras. As pessoas, no entanto, se interessam principalmente por estas. Para as pessoas a “criança” passa a ser um futuro ser humano, na justa medida, pela qual recebe, armazena, processa e transmite para outras pessoas as informações adquiridas.

Por esta razão a humanidade faz crianças : para delas fazer futuros seres humanos. Uma visão contrária aos interesse da vida. O fazer crianças ficou sendo efetivamente humano, somente a partir da pílula : A decisão pode recair sobre a pílula e o “orgasmo puro”, ou contra a pílula e a favor de fazer futuros seres humanos. Isto é possível também de outra maneira. O sêmen pode ser armazenado em bancos de esperma, e a partir destes poderá ser escolhido e usado pelas virgens. Em breve teremos uma grande quantidade de pessoas concebidas sem o “pecado original” (Dando possibilidade, ainda, a que estas virgens possam se dedicar paralelamente ao “orgasmo puro”). Pode-se aperfeiçoar ainda esta técnica. O esperma e os ovos colhidos poderão ser misturados em provetas e implantados em úteros artificiais. Com isto pode-se declarar como supérfluo a maior parte do aparelho genital feminino : A declaração da igualdade dos direitos das mulheres. As crianças passam a ser um Hardware para um Software cultural. A vitória final da humanidade sobre a vida?

Ainda não totalmente. É mais fácil fazer pequenos hominídeos ao invés de crianças. A título de exemplo poderia-se semear densamente hologramas providos de uma inteligência artificial. Este fato virá indubitavelmente. Quando este momento chegar, a pergunta “para que

fazer crianças?” receberá como resposta: Quando for necessário fazer futuras pessoas é desnecessário fazer crianças.

Esta coisa como um todo no entanto tem um senão : Por ocasião do orgasmo o “Eu” se funde com o “você” em um “nós”, e com este “nos” pode-se fazer crianças, por uma metodologia diferente daquela concepção mecanicista com um resultado igualmente diferente. Lamentavelmente qualquer tentativa de definir este resultado diferente cairá na vala comum das conversas sentimentais. Apesar disto é verdade que os sentimentos participem destes jogos da vida. Portanto, espera-se (e provavelmente), que ainda continuarão sendo feitas, de vez em quando, crianças do jeito tradicional. Assim ocorrerá, não pelo interesse da vida, mas sim por interesses e motivações humanas específicas. Talvez estejamos efetivamente trabalhando para levar um passo adiante o desenvolvimento do ser humano que há dois milhões de anos se iniciara.

Orgasmus, Reproduktionstechnik und Kindermachen

Vilém Flusser 13.03.1997

Die Strategie des Lebens gegen die Lebewesen

Mit dem Klonen von Dolly wurde nur erneut wieder deutlich, daß sich mit der allmählichen Herauslösung der Fortpflanzung aus der biologischen Sexualität eine Fülle von faszinierenden und auch ängstigenden Möglichkeiten eröffnet. Der Philosoph Vilém Flusser, gerne provozierend, führt in seinem Essay aus dem Jahr 1989 aus, warum dies ein neuer und begrüßenswerter Schritt hin zur eigentlichen Menschwerdung sein könnte. Wir beginnen mit diesem Beitrag in Telepolis eine Serie mit Essays des verstorbenen Philosophen, die bislang noch wenig bekannt und verstreut erscheinen sind.

Orgasmus, Reproduktionstechnik und Kindermachen

Gebildete Leute stellen keine Wozu-Fragen: Sie denken kausal und nicht teleologisch. Sie fragen nicht, wozu es regnet und wozu die Sonne aufgeht. Aber im Bereich des Lebens ist teleologisches Denken beinahe unvermeidlich. Es klingt besser, wenn man sagt: "Wir haben Augen, um zu sehen" als "wir sehen, weil wir Augen haben". Das Leben scheint Absichten zu verfolgen. Welche? Das Leben ist an Meeresstränden entstanden, also dort, wo Festland, Wasser und Luft ineinandergreifen. Seine Absicht scheint zu sein, sich zwischen Erdkruste, Hydrosphäre und Atmosphäre zu schieben und eine erdweite Biosphäre zu bilden. Mit dieser Absicht breitet es sich aus, und zu diesem Zweck vermehren sich (teilen sich) Zellen. Sie sektionieren, und das Leben ist "sexuell" (sexuell) motiviert, sich zu vermehren. Dazu macht man Kinder.

Bekanntlich ist die Sache nicht ganz so einfach. Bei der Zellteilung unterlaufen Fehler: Wenn sich die Doppelschraube der Nukleinsäuren

spaltet, kann die eine Hälfte die andere falsch kopieren. Eine Strategie zur Fehlervermeidung ist, zuerst zwei Zellen zu mischen und dann erst die Mischung zu teilen. Diese verfeinerte Sex-Strategie führt zu den beiden berüchtigten Geschlechtern. Aber sie hat einen Nachteil: Das Leben muß die beiden sich-mischen-sollenden Zellen auf zwei "Organismen" (mehrzellige Auswüchse aus der Biomasse) verteilen. Diese Lebewesen tauchen aus dem Lebensschleim auf, befruchten einander und tauchen dann wieder darin unter. Das Wieder-Untertauchen heißt "Tod": "Jedes legt schnell noch ein Ei, und dann kommt der Tod herbei", ist der Leitspruch des Lebens.

Dem Leben ist gleichgültig, daß die Lebewesen sterben, aber die Lebewesen wollen seltsamerweise an dem sie verachtenden Leben bleiben. Sie haben eine andere Absicht als das Leben. Darum hat das Leben bei den sogenannten "höheren Lebewesen" den Orgasmus erfunden: Sie sollen sich gefälligst paaren und dabei den Tod vergessen. Der Orgasmus als Strategie des Lebens gegen die Lebewesen. Gegenwärtig scheint das Leben über die Menschen den Sieg zu erringen: Sex ist salonfähig, und der Tod wird verschwiegen. Jedoch beginnt sich dieser Sieg als Pyrrhussieg herauszustellen. Die Leute treiben Sex des Orgasmus halber und nicht, um Kinder zu machen. Die Pille als Waffe des Menschen gegen das Leben. Also hat das Leben bei der verfeinerten Sex-Strategie "Orgasmus" einen Fehler begangen. (Das ist nicht überraschend: das Leben macht lauter Fehler.) Welchen Fehler? Das Leben ist mit dem Orgasmus über sein Ziel hinaus geschossen.

Der Orgasmus wurde erfunden, damit sich die Lebewesen auch unter Lebensgefahren paaren mögen (damit sie den Tod zugunsten des Lebens vergessen). Aber den Tod vergessen ist Selbstvergessen. Im Orgasmus werden die Leute selbstlos: Das eine Selbst schwimmt dabei im anderen. Im Orgasmus überwinden zwei Menschen den Tod

und damit das Leben. (Übrigens bietet dies eine Definition von "Pornographie": Beschreibung des Paarens bei Weglassung der Lebensüberwindung.) Das ist gegen das Interesse des Lebens. Es erlaubt (unter anderem), den Sex von der Vermehrung zu trennen. Angenommen: "Mensch" meine ein verneinendes Lebewesen (auch die eigenen Lebensbedingungen verneinend). Das nannte man früher ein "geistiges" Wesen. Dann ist die Trennung zwischen Sex und Vermehrung eine spezifisch menschliche Verneinung des Lebens. Ein Beweis, wie sehr das Leben beim Orgasmus (und beim Menschen überhaupt) über sein Ziel hinaus schoß.

Trotzdem macht man gelegentlich Kinder. Ist das ein Rückfall? Vom Standpunkt des Lebens ist "Kind" ein Auswuchs aus einem befruchteten Ei. Es soll weitere Eier und Samen absondern und nachher aufgesogen werden. Das ist aber nicht der menschliche Standpunkt. "Kind" ist zwar Träger einer genetischen Information , die es weiterzugeben hat, aber auch Träger erworbener ("kultureller") Informationen, die es prozessieren soll, um sie weiterzugeben. Das Leben ist an den erworbenen Informationen völlig uninteressiert, denn sie können biologisch nicht vererbt werden. Aber die Menschen interessieren sich hauptsächlich eben dafür. Für Menschen ist ein "Kind" ein künftiger Mensch, und zwar eben in jenem Maß, in dem es erworbene Informationen aufnimmt, speichert, prozessiert und an andere Menschen vermittelt. Darum machen Menschen Kinder: um künftige Menschen aus ihnen zu machen. Also gegen das Interesse des Lebens. Und das Kindermachen wird erst seit der Pille tatsächlich menschlich: Man entscheidet sich entweder für die Pille und für den "reinen Orgasmus" oder gegen die Pille und für das Machen künftiger Menschen.

Es geht auch anders. Man lagert Samen in Spermienbanken, damit sie von Jungfrauen ausgewählt und abberufen werden. Bald wird es von

Menschen, die unbefleckt empfangen wurden, nur so wimmeln (wobei sich diese Jungfrauen nebenberuflich auch dem "reinen Orgasmus" widmen können). Und das läßt sich verbessern. Abgezapfte Spermien und Eier werden in Retorten gemischt und in künstlichen Gebärmüttern ausgetragen werden. Dadurch wird der größte Teil des weiblichen Geschlechtsapparates überflüssig werden: Gleichberechtigung der Frauen. Kinder nur noch als Hardware für kulturelle Software. Endsieg des Menschen über das Leben?

Noch nicht ganz. Es ist nämlich funktioneller, statt Kinder Homunculi zu machen. Zum Beispiel dichtgestreute mit künstlichen Intelligenzen versehene Hologramme. Das wird zweifellos kommen. Und dann wird die Frage "Wozu Kinder machen?" folgende Antwort erhalten: Wenn es darum geht, künftige Menschen zu machen, ist Kindermachen unnötig.

Aber die Sache hat einen Haken: Im Orgasmus geht das "Ich" mit dem "Du" in einem "Wir" auf, und aus diesem "Wir" kann man Kinder machen. Das ist eine andere als die maschinelle Methode, und was herauskommt ist anders. Leider würde jeder Versuch, dieses Anderssein zu definieren, in sentimentales Gerede zerfließen. Und doch ist es wahr, daß das Sentiment dabei ins Spiel kommt. Also wird man hoffentlich (und auch wahrscheinlich) gelegentlich Kinder auf die alte Methode machen. Und zwar nicht mehr im Interesse des Lebens, sondern aus spezifisch menschlichen Motiven. Vielleicht sind wir tatsächlich dabei, die vor zwei Millionen Jahren begonnene Menschwerdung einen Schritt weiterzuführen.

Artikel-URL: <http://www.telepolis.de/deutsch/kolumnen/flu/2120/1.html>

(3/4/2002)